

596

SECRETARIADO NACIONAL DA INFORMAÇÃO,
CULTURA POPULAR E TURISMO



1854 — 1954

CENTENÁRIO
DE

ALMEIDA
GARRETT

25 — NOVEMBRO — 1954

90

5-96
SNI

596

BIBLIOTECA
SNI

DA OBRA
GARRETTEANA



S.N.I.
06
90

INCORPORAÇÃO

821

DA OBRA
GARRITMAN



I

O POETA

AVÈ MARIA!

Maria, doce mãe dos desvalidos,
A ti clamo, a ti brado!
A ti sobem, Senhora, os meus gemidos,
A ti o Hino sagrado
Do coração de um pai voa, ó Maria,
Pela filha inocente.
Com sua débil voz que balbucia,
Piedosa mãe clemente,
Ela já sabe, erguendo as mãos tenrinhas,
Pedir ao Pai dos céus
O pão de cada dia. As preces minhas
Como irão ao meu Deus,
Ao meu Deus, que é teu filho e tens nos braços,
Se tu, Mãe de piedade,
Me não tomas por teu? Oh! rompe os laços
Da velha humanidade;
Despe de mim todo outro pensamento
E vã tenção da terra;
Outra glória, outro amor, outro contento
De minha alma desterra.
Mãe, oh! Mãe, salva o filho que te implora
Pela filha querida.
Demais tenho vivido, e só agora
Sei o preço da vida,
Desta vida, tão mal gasta e prezada
Porque minha só era...
Salva-a, que a um santo amor está votada,
Nele se regenera.

II

O PALADINO DA LINGUAGEM

Senti sempre que a língua portuguesa era para todo o género de composições. E o rebelar-se ela em algumas, pareceu-me que era mais inabilidade de quem a conduzia, do que defeito próprio seu. Por honra dela, mais que por vaidade minha, tentei compor em tão desvairados assuntos e géneros, como tenho feito. Hoje estou crente e firme convencido de que a tudo serve, a todo estilo se presta. Nem me persuadi mais disso por alguma coisa em que saí bem dos meus ensaios, do que pelas muitas em que falhei.

Pref. das Fábulas e Contos na Lírica de João Mínimo. Lisboa, 1904.

III

O EDUCADOR

O fim geral da educação é fazer um membro útil e feliz da sociedade. O objecto da educação é formar o corpo, o coração e o espírito do educando.

Da Educação, Liv. I — Londres, MDCCCXXIX.

IV

O NACIONALISTA

O que é preciso é estudar as nossas primitivas fontes poéticas, os romances em verso e as legendas em prosa, as fábulas e crenças velhas, as costumeiras e as superstições antigas ; lê-las no mau latim mosárabe, meio suevo ou meio godo dos documentos obsoletos, no mau portu-

guês dos forais, das leis antigas, e no castelhano do mesmo tempo — que até bem tarde a literatura das Espanhas foi quase toda uma. O tom e o espírito verdadeiro português, esse é forçoso estudá-lo no grande livro nacional que é o povo e as suas tradições e as suas virtudes e os seus vícios, e as suas crenças e os seus erros. E por tudo isso é que a poesia nacional há de ressuscitar verdadeira e legítima, despido, no contacto clássico, o sudário da barbaridade, em que foi amortalhada quando morreu, e com que se vestia quando era viva.

Reunir e restaurar, com este intuito, as canções populares, xácaras, romances ou rimances, solaus ou como lhe queiram chamar, é um dos primeiros trabalhos que precisávamos. É o que eu fiz, é o que eu quis fazer, ao menos.

Romanceiro — «Romances Cavalherescos Antigos»,
Introdução ao II vol. Lisboa, 1863.

V

O JORNALISTA POLÍTICO

Queremos liberdade: este é o nosso partido. Mas queremos-la com leis, sem anarquia, sem imoralidade, com religião, com reformas, com economia, com todas as suas condições, e em todas as suas consequências. Seja quem for, é do nosso partido quem professar e praticar estas doutrinas.

É nosso inimigo quem professa as contrárias.

É pior que nosso inimigo, é traidor à Pátria o que as professa de boca e as renega nas obras.

O Português Constitucional. (Artigo de fundo do n.º 1. Lisboa, 2 de Julho de 1836).

VI

O REFORMADOR DO TEATRO

Os leitores e os espectadores de hoje, querem pasto mais forte, menos condimentado e mais substancial; é povo, quer verdade. Dai-lhe a verdade do passado no romance e no drama histórico, no drama e na novela da actualidade, ofereci-lhe o espelho em que se mire a si e ao seu tempo, a sociedade que lhe está por cima, abaixo, ao seu nível — e o povo há de aplaudir, porque entende: é preciso entender para apreciar e gostar.

Eu sempre cri nisso; a minha fé não era tão clara e explícita como hoje é, mas sempre foi tão implícita. Quis pôr a teoria à prova experimental e lancei no teatro o *Auto de Gil Vicente*. Já escrevi algures e sinceramente vos repito aqui, que não tomei para mim os aplausos com que o recebeu o público; não foi o meu drama que o povo aplaudiu, foi a ideia, o pensamento do drama nacional.

Teatro, pref. ao *Frei Luis de Sousa*. Vol. VI. Lisboa, 1904.

...A dificuldade [na ideação do *Frei Luis de Sousa*] era extrema e pela simplicidade dos meios que adoptei. Nenhuma acção mais dramática, mais trágica do que esta; mas as situações são poucas: estudar estas de invenção era adelgaçar a força daquela, quebrar-lhe a energia. Em um quadro grande, vasto — as figuras poucas, as atitudes simples, é que se obram os grandes milagres da arte pela correcção no desenho, pela verdade das cores, pela sábia distribuição da luz.

.....

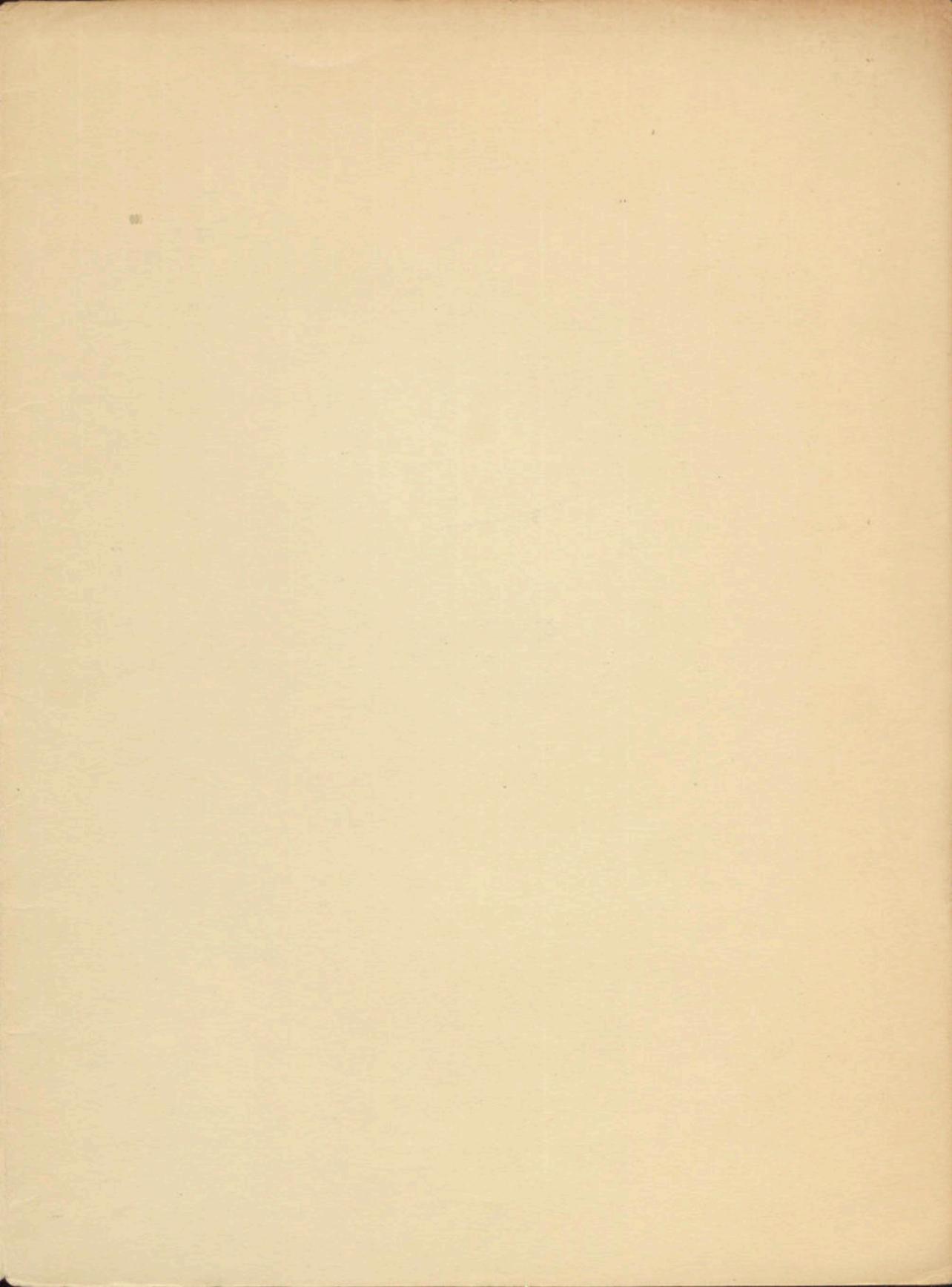
Nem amores, nem aventuras, nem paixões, nem caracteres violentos de nenhum género. Com uma acção que se passa entre pai, mãe e filha, um frade, um escudeiro velho e um peregrino que apenas entra em duas ou três cenas, — tudo gente honesta e temente a Deus — sem um mau para contraste, sem um tirano que se mate ou

mate alguém, pelo menos no último acto, como eram as tragédias de antes — sem uma dança macabra de assassínios, de adultérios e de incestos, tripudiando ao som das blasfémias e das maldições, como hoje se quer fazer o drama — eu quis ver se era possível excitar fortemente o terror e a piedade — ao cadáver das nossas plateias, gastas e caquéticas pelo uso contínuo de estimulantes violentos, galvanizá-la com só estes dois metais de lei.

Id. *ibid.*



*A gravura da capa com o retrato de Almeida
Garrett foi gentilmente cedida
pela Livraria Bertrand.*



EDIÇÕES
S·N·I
LISBOA

BN



EFG0000516191

OPICINA GRÁFICA, LIMITADA
Rua da Oliveira ao Carmo, 8
Telefone 22886 // LISBOA
500 ex. — 25-11-954

S.N.